

Alvares Cantuária

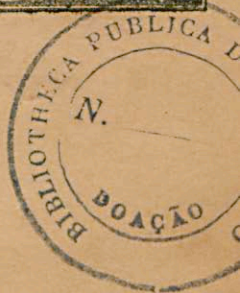
DRMA
869.94
C229c

L41B5

CHAPAS AVULSAS



1914
S. LUIZ — MARANHÃO



INTROITO

Attenta bem, ledôr, em cada chapa
Que vim de preparar com muito geito,
A fim de te mostrar, quasi perfeito,
O vulto de uns dandys, de gente guapa.

Se, porém, te depara algum defeito
Num dos poucos que traço, de sócapa,
Corrige-o sem demora, amigo, tapa
O buraco no verso do sujeito...

Da Arte eu pouco entendo, ou nada sei,
Mas, em dias de simples desfastio,
Alguns typos do tom photographiei.

E, de parte estas coisas muito insulsas,
Nos teus quinhentos reis, ledôr, confio,
Por estas dezeseis «Chapas Avulsas».

A. C.

I

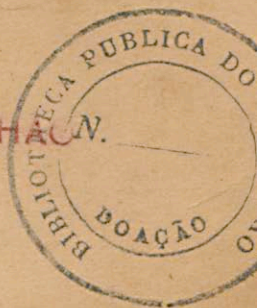
Natural da Caucásea, rei dos gênios,
E autôr de celebérrima carteira,
Com que na Academia Brasileira
Pretende entrar, há mais de dois triênios.

Romancista e oradôr, só nos convênios
Dos seus fâmulos, fala de cadeira. . .
Sól—e o Moraes turvou-lhe a luz inteira,
Pezar do sól dever brilhar millênios.

Mestre—sustenta esta doutrina asnática:
Que lendo-se os autôres consagrados,
Se aprende a lingua, sem saber grammática !

E, aqui no Maranhão, quem não bajula
Sua Santidade o Papa dos letrados,
Sêja embora talento, é coisa nula. . .

BIBLIOTHECA
do
ESTADO DO MARANHÃO



II

Este é moreno e tem vistosa altura;
De óculos anda sempre; é bem loquaz;
Em toda festa mil discursos faz,
E é mais astuto do que um padre-cura!

Tem feito profundíssima leitura
Nos romances do Eça, que elle traz
Todos de cór. E então, por ser capaz,
E' sub-mestre da literatura...

Já publicou de minha terra uns contos,
De mosaícos calçou todo êste Estado
E dominós coseu a froixos pontos.

Foi directôr da imprensa official;
Pertence ao fôro; e, há muito, foi nomeado
Coronel para a guarda nacional.

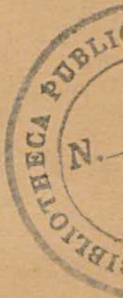
III

Pequeno, cabeçudo e tagarela,
Tem mais que o próprio *mestre* altiva grimpa;
Olhos grandes; a face algo amarella;
Professôr normalista de supimpa.

A favôr do talento, que elle zéla,
Diz que a phrase que escreve é térza e limpa;
Que não teme a menor escovadela,
E, isto dizendo, todo orgulhos impa.

Fêz uns *b'oscópios* e assignou—*Licinio*,
Na *Pacota* escreveu sôbre os macacos,
E o *Moraes* fê-lo sól já no declínio...

E' louco apaixonado do Zela;
Amigo do *Corrêa*; e préga aos fracos
Que o *Maravilha*, em lêtras, é pachá!



IV

Eis aqui, nêstes versos, esboçado,
Um môço, bacharel pedante e rôfo,
Que de sabença dizem ser um côfo,
E, do *systema*, crítico exaltado.

O dr. Maravilha, proclamado
Talento original, em que deu môfo,
Para tudo ensinar, cientista fôfo,
Professôr do Lyceu foi nomeado.

Segundo a sciência espírita, o *Fulano*
Foi (na vida passada, não é nesta!),
Em vêz de *maravilha*, *carcamano*...

E' um gênio que no plágio sempre brilha,
Pois *le palais antique*, bem o attesta,
Na edição do Natal, da *Pacotilha*...

V

E' lente do Lyceu. Diz que não érra,
Julgando se do verso um bom artista...
Ministro de Esculápio; alma altruista;
Meu coração, gratíssimo, o encerra.

Garante, em toda parte, a quem o assista,
Que os cultôres das lêtras, cá da terra,
Contra os quaes móve sempre crúa guerra,
Qualidades não têm de belletrista.

E Acha a Musa dos bardos indigesta;
Na viz que o *sól* do *systema* é quasi opaco,
E o *M* do *sól* fêz as vezes, numa festa...

E' louco ap. o é... Protege muito os póbres...
Amigo do Co. ledôr? Remexe o caco
Que o *Maravilha* do doutôr descóbres.



VI

Vejamos este môço esgrouviado,
Que uns dizem valer menos do que um zéro,
E outros chamam rebento de Sotéro,
Fecundo belletrista consumado.

A reportágem fêz, com muito esméro,
Da imprensa official do nosso Estado;
E, quando o frak envérge, empavonado,
Passeia as ruas, convencido, austéro.

Traz o rôsto caiado a pó de talco,
Representa jornaes, até da róça,
E exhibe-se qual bôbo em pleno palco.

De ser um gênio o *Jóca* se convence,
Dês que um Rúbens qualquer, por simples tróça,
O chamou de Balzac maranhense...

VII

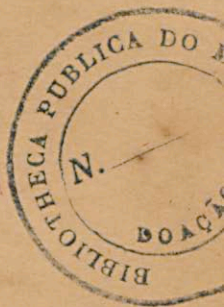
Mulato, bem mulato, este que fôra
Na Bibliothéca Pública servente;
Que fugia do pae, pois se desdoura
De ter na raça escura algum parente !

Foi de certa revista dirigente;
De ser um nôvo Ruy muito se agoura,
E empregou-se na imprensa êste imprudente,
Que negou seus auxílios á lavoura.

Quando elle ri, parece um louco em fúrias,
E faz uns ziguezâgues com o pescôço,
Sem reflectir que ao *mestre* atira injúrias...

Entre os *gênios*, que *engrossa*, é grande couza,
E, nesse engano dalma, o pobre môço,
Com *D* grande se assigna—C. De Souza !

BIBLIOTHECA
do
ESTADO DO MARANHÃO



VIII

Este foi mandarim lá pelo Caes;
Na policia, tem sido autoridade;
Faz discursos por toda esta cidade,
E uma faca á cintura sempre traz.

Procuradôr, aqui, de uma irmandade,
Tenente-coronel... Sabem que mais?
Há repiques de sinos em Vinhaes,
Se allí chêga o papão da honestidade...

Foi, outr'ora, servente de pedreiro;
Hoje, veste casaca, anda lampe ro,
E da vida do próximo maldiz.

Bajula os figurões d'alta política,
E por isso, e por tudo, expõe se á crítica
De todo o povo desta S. Luiz...

IX

Olhae este moreno fedelhóte,
Pállido, magro, muito imberbe e esperto;
Nos olhos patenteia estar alerta
Para, em negócios, nos jogar um «bóte».

De mulato descende, é caso certo;
Mas diz ter sangue azul, ser fidalgóte,
E grandêzas não ha quem mais arróte
Do que o chambão que num sonêto enxérto.

Ao professôr foi, certa vêz, zangado,
Queixar-se de um collêga, um môço laxo,
Que em plena escola o tinha deshonorado !!!

Parente de CABÊÇAS, é prosista,
E demonstra no physico relaxo
Um verdadeiro typo de onanista...



X

E' branco, açaçapado, cabeçudo,
E zelozo se mostra no exercício
Do cargo de fiscal. Dá-nos indício
De oradôr eloquente e campanudo.

Na praça da Alegria deu início
A's obras do «Mercado», e alli fêz tudo...
Na *Sógra*, o Béthencourt o fêz trombudo,
Nas festas, come e bebe por officio.

Traja se bem. Parece môço, e é velho;
Chamam-no, aqui, de *baiacú vermêlho*...
E' distincto e correcto camarada.

Saudou, há tempo, *uns anjos divinaes*,
Mas, dando aos *cujos differentes paes*,
Sahiu-lhe a saudação meio salgada...

XI

Vólta os olhos, ledôr, um pouquinho,
Que verás, nesta «chapa», uma figura
De popular, boníssima creatura
Que nas festas prepara um «Castellino».

«Bonita» intelligência, sem cultura,
No Capitão da «briosa» fêz seu ninho...
Na «Revistinha» fala do «padrinho»;
Já foi seminarista; ama a pintura.

Levou sete facadas na «Campanha»,
Marcilio quasi o mata, em Riba-Mar,
Por causas que nenhum de nós extranha.

Hoje, ainda a um grande ideal dá agasalho:
Na 1^o de Maio levantar
A symbolica estátua do Trabalho...



XII

Alto, magro, mulato, êste que abusa
Dos mais simples preceitos da linguágem;
Que *impressões* publicou, depois da viagem,
Que, no «Lanfranc», fêz á terra lusa.

Na prósa, que escreveu, assás confusa,
Na qual, do início ao fim, tudo é bobágem,
Com João Couto, que têve tal corágem,
De se ter desposado, elle se accusa!...

Em Portugal, viu coisas tão extranhas,
Como, sobre lindíssimas montanhas,
«Castanheiros com figos de oliveiras»...

Do Commércio acha a vida predilecta ..
Usa óculos... Prompto! Está completa
A figura do autôr de babozeiras.

XIII

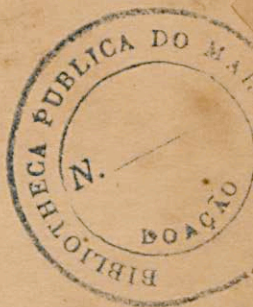
O rôsto amarfanhado; o olhar matreiro;
Medúseo o typo, assás funambulêsko;
Tem fala alambicada, e anda faceiro,
Sobraçando uma pasta, pedantêsko.

Declama em qualquer sala, em tom grotêsko;
Têve, outr'ora, e o esbanjou, muito diuheiro;
Empregado nas aguas, vive frêsko;
Em casa—é um javalí, fóra—um cordeiro.

Proclama a sua honestidade mystica;
De um amigo, porém, a amante, oh ! férro !,
Foi lograda pelo homem da estatística...

Apertem-lhe, com geito, a mão tortela,
Que está perfeito, creio, pois não érro,
O solicitadôr sem clientela...

ESTADO DO MARANHÃO



XIV

lto, branco, robusto, alegre e lhano;
s faces rubicundas, qual tomate;
osse inverno ou verão, durante o anno,
lle estava no banco de «engraxate».

recifense, diz, embora trate
de illudir aos que o têm por *carcamano*;
Nesta terra conhece desde o vate
Mais pífilo ao jornalista soberano.

distribuía uns programmas de cinema,
quando engraxava, e livros tinha aos lados,
qual se fôra um letrado do *systema*...

eixando a profissão, não vive á tôa,
ois que dispõe dos *cóbres* de «engraxados»,
ex-Hércules da praça João Lisboa.

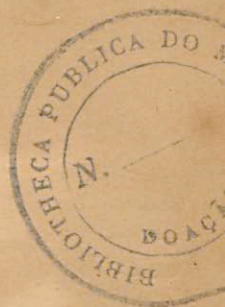
XV

Sempre se o vê, na rua, sacudido,
Prazenteiro, debaixo da batina;
No púlpito, a explicar a lei divina,
Grita, inflammado, num sermão comprido.

Vigário, êste vigário conhecido,
Que sustenta que o homem se domina,
Contra a luxúria vil; mas, á surdina,
E' elle quem devóra o «prohibido»...

E' bemquisto de todos. Na matriz,
De que é párocho, fêz bonita gruta,
Que de môças é um grande chamariz.

Muito alegre êste cônego pimpôlho,
Que refutou, com sua penna arguta,
O conhecido caso do «Repôlho»...



XVI

Vamos fechar a rêsca. Attenta. Calma.
Este veio importado de Lisboa;
Chegou aqui, vivia errante, á tôa,
Qual no espaço, a vagar, infeliz alma.

Tem *pince-nez*. E' branco, e, alto, apregôa
Ser fino jornalista. Entanto, a palma
A Accácio levará. Copista, espalma
Assumptos mil num estylo que destôa.

Estêve no Amazonas e... caluda!...
Diz que colloca bem quaesquer pronomes,
E é crítico que escac ha em nota aguda

Neologista de truz, talento arisco,
Este cõsul, que, há muito, de um dos nomes
A Intendência mandou tirar o cisco!